

Repensando a substituição de signos linguísticos no discurso, com base no pensamento saussuriano

Lauro Gomes¹
Ernani Cesar de Freitas²

Resumo: Este estudo investiga, com base especialmente em princípios e conceitos saussurianos, a construção dos sentidos no discurso. A partir da análise de dois poemas, não só foi possível perceber que o sentido é construído no sintagma, fazendo-se improdutivo a atividade de busca aos significados dicionarizados de signos, quando se busca compreender um texto, mas também que nenhum signo linguístico pode ser substituído por outro depois de ser selecionado e transportado para o eixo sintagmático. Este estudo explicita contribuições para o ensino de língua e de literatura, permitindo qualificar atividades de produção e reescrita de textos.

Palavras-chave: Relações sintagmáticas; signo; sentido; discurso.

Abstract: Especially based on saussurian principles and concepts, this study investigates the construction of senses in the discourse. From the analysis of two poems, not only it was possible to perceive that sense is constructed in the phrase, which, when trying to understand a text, turns the action of looking up the signs in the dictionary an unproductive one, but also that no linguistic sign can be replaced by another, after having been selected and transported to the syntagmatic axis. This study sets out contributions to the teaching of language and literature, allowing to qualify activities for producing and rewriting texts.

Keywords: Syntagmatic relations; sign; senses; discourse.

Résumé: La présente étude examine, notamment basé sur les principes et les concepts saussurien, la construction du sens dans le discours. Partant de l'analyse de deux poèmes, il était possible, non seulement percevoir que le sens se construit dans la phrase, devenant ainsi improductif l'activité de rechercher dans le dictionnaire la signification des signes quand on cherche à comprendre un texte, mais aussi qu'aucun signe linguistique peut être substitué par un autre après il a été sélectionné et transporté à l'axe syntagmatique. La présente étude explicite des contributions à l'enseignement de la langue et de la littérature, en permettant la qualification des activités de production et de réécriture des textes.

Mots-clés: Relations syntagmatiques; signe; sens; discours.

¹ Doutorando em Letras pela Universidade de Passo Fundo (bolsista PROSUP/CAPES). Professor de Leitura e Produção Textual do Colégio Franciscano São José de Erechim (RS).

² Doutor em Letras (PUCRS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL). Professor titular do PPGL na Universidade de Passo Fundo (UPF).

Introdução³

Não se esgotam estudos e investigações a partir do pensamento saussuriano, haja vista que, embora Ferdinand de Saussure não tenha sido o fundador da Linguística, sua obra foi e é ainda tão responsável pela evolução da ciência da linguagem, a ponto desse teórico passar a ser reconhecido como o "pai da Linguística". O *Curso de Linguística Geral* (CLG), por ser uma "obra póstuma" – organizada por dois de seus discípulos, Charles Bally e Albert Sechaye, reconstituída a partir de anotações feitas por alunos durante o curso ministrado pelo mestre na Universidade de Genebra (1906-1911) – suscita ainda muitos debates e questionamentos. Uma das principais discussões levantadas a partir desse livro origina-se em torno da frase que o encerra, de autoria dos editores, segundo a qual a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a *langue* (língua) considerada em si mesma e por si mesma. A partir daí há leitores que rotulam Saussure de estruturalista e outros que chegam até a concluir que ele não se interessou pela *linguística da fala*.

No entanto, é preciso fazer fundamentalmente dois esclarecimentos: (1) a referida frase reitera um posicionamento assumido por Saussure, ao longo do CLG, de estudar a língua – "[...] produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos" (SAUSSURE, 1975: 17) – e (2) Saussure, em momento nenhum, separou a *língua* da *fala* ou deixou margem à compreensão de

³ Este trabalho – quando ainda em fase de desenvolvimento – foi apresentado na modalidade comunicações no Congresso Internacional Cem anos Com Saussure, que ocorreu de 16 a 20 de setembro de 2013, na Universidade de São Paulo (USP).

que esta parte da linguagem, a *parole*, é menos importante do que aquela, a *langue*.

Em diversas passagens do CLG (1975) e também em notas dos *Escritos de Linguística Geral* (ELG, 2002), Saussure deixou muito claro o seu posicionamento em relação à interdependência existente entre *língua* e *fala*. No capítulo III do CLG, por exemplo, afirma ser impossível conceber, na linguagem, o lado social (*língua*) sem o lado individual (*fala*); e, na Nota sobre o Discurso dos ELG, inicia afirmando que a *língua* só é criada em vista do discurso.

A questão norteadora de pesquisa, neste estudo, pauta-se na construção dos sentidos no discurso, tendo amparo no fundamento que concebe o discurso como sendo de natureza linguística e inspirado, especialmente, nos conceitos saussurianos de *signo*, *sintagma*, *valor* e de *relações sintagmáticas e associativas*.

O objetivo deste artigo é mostrar – a partir da análise dos poemas *Os sinos*, de Manuel Bandeira, e *O apanhador de desperdícios*, de Manoel de Barros – que o sentido, no discurso, constrói-se no eixo sintagmático e que, portanto, após um signo ser selecionado no eixo paradigmático⁴ e transportado para o eixo sintagmático, qualquer modificação que se faça num sintagma implica em alteração semântica.

Além disso, vale destacar que este estudo ampara-se em princípios e conceitos postulados por Saussure, os quais são lidos e/ou ampliados, entre outros, por linguistas como Benveniste (2006), Martinet (1978), Lopes (1975), Arrivé (2010), Fiorin (2011) e Flores e Teixeira (2009). Por conseguinte, este artigo também poderá oferecer subsídios para o ensino

⁴ Cumpre referir que, no *Curso de Linguística Geral*, o termo para fazer referências às relações chamadas de paradigmáticas é "relações associativas".

de língua e de literatura, principalmente para as atividades de reescrita textual.

Fundamentos teóricos

A seguir, apresentam-se conceitos essenciais da teoria saussuriana e concepções benvenistianas cruciais, que tratam de ampliar e de esclarecer conceituações explicitadas no *CLG*. Apresentados os fundamentos teóricos, examinam-se alguns signos linguísticos dos poemas tomados como *corpus* em seus eixos paradigmático e sintagmático, no intuito de verificar se – no caso de se efetuarem outras escolhas lexicais ou de se substituírem signos, em situação de reescrita textual, por exemplo, – o sentido das frases⁵ permanece o mesmo ou quase o mesmo.

Noções de signo e de valor linguístico

A Linguística, segundo Saussure (1975), é apenas uma parte de uma ciência geral mais vasta, para a qual propôs o nome de *Semiologia* e que estuda a vida dos signos no seio da vida social. Partindo dessa concepção, pode-se dizer que o mestre genebrino previa o estudo do signo a partir de seu uso, isto é, no caso do signo linguístico, já previa que ele fosse estudado a partir de sua enunciação.

⁵ Optou-se pelo termo *frase* em lugar de enunciado, por exemplo, já que esse é um termo utilizado tanto por Saussure quanto por Benveniste.

A título de esclarecimentos, é importante destacar, consoante Saussure (1975: 80), que "o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica", podendo ser entendido como uma entidade psíquica de duas faces, em que o conceito corresponde ao significado e a imagem acústica, ao significante. Além disso, o laço que une este àquele é arbitrário, isto é, por exemplo, a ideia de "mesa" não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-e-s-a que lhe serve de significante. Isso permite não só perceber que os signos não são etiquetas colocadas sobre as coisas, mas também que o significante é linear, uma vez que, segundo a concepção de Saussure (1975: 84), "o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*".

Como afirma Fiorin (2011: 56), "a atividade linguística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo [...]". Nesse sentido, a realidade somente passa a existir a partir do momento em que é nomeada, e cada língua pode categorizar o mundo de forma diversa.

Desse modo, ao apresentar conformidade e ampliando explicitamente o conceito saussuriano de signo, Fiorin (2011: 60) defende que "[...] no ato de falar, produzimos significados, não só quando enunciamos os signos mínimos, ou seja, os morfemas, mas também quando produzimos frases ou textos". Portanto, "as frases são signos, os textos são signos, qualquer produção humana dotada de sentido é um signo", cuja tese vai ao encontro do que defendera Saussure, no capítulo VI do CLG, (1975: 149, grifo nosso): "via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, *que são elas*

próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos".

A partir dessa premissa, como bem se pode perceber no capítulo IV do CLG, sobre o *valor* linguístico, os signos definem-se uns em relação aos outros, o que significa dizer que, embora Saussure reconheça a existência de semelhanças no sistema linguístico, tratar do valor do signo é, antes de tudo, segundo esse linguista, tratar de oposições, de diferenças. Em razão disso, de acordo com o pensamento do mestre (1975: 133), "o valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência [...]". Com essa ideia de *valor*, dá-se, portanto, uma definição "negativa" do signo, segundo a qual sua característica mais exata é ser o que os outros não são.

Nesse sentido, cumpre salientar que

A significação é, então, uma diferença entre um signo e outro signo, pois o que existe na língua são a produção e a interpretação de diferenças. No interior de uma língua, as palavras que exprimem ideias próximas delimitam-se umas às outras. Por exemplo, os sinônimos como *receio*, *medo*, *pavor* só têm valor próprio pela oposição. Eles recobrem-se parcialmente, mas também se opõem uns aos outros. Se um deles não existisse, seu conteúdo iria para os outros [...]
(FIORIN, 2011: 58) [grifo do autor].

Isso significa dizer que os signos da língua apresentam diferenças capazes de opô-los, mesmo que, semanticamente, sejam bastante similares, a ponto de possuírem sinônimos. Se se toma o diminutivo de *casa* na língua portuguesa, por exemplo, encontram-se disponíveis, no léxico, palavras como *casinha* e *casebre*. No entanto, as diferenças existentes entre ambas são facilmente observáveis pelos usuários da língua: a primeira designa, em geral, uma casa pequena, mas não

necessariamente pobre, em mau estado de conservação. Já a carga semântica da segunda, além de conter o traço de diminutivo, possui, notadamente, um traço que indica pobreza e/ou mau estado de conservação. Evidentemente que, em muitos casos, essas diferenças não são tão facilmente percebidas como no referido exemplo. Basta, para exemplificar, tomar o caso das conjunções coordenativas adversativas *mas* – que, entre as disponíveis no sistema, é a mais usual, típica da oralidade – e *todavia*, que é usada, em geral, em textos cujo estilo de linguagem segue a norma padrão culta da língua.

Nesse sentido, Arrivé (2010: 81, grifo do autor) afirma que "uma simples leitura do *CLG* é suficiente para validar a interpretação do arbitrário como indissoluvelmente ligado à concepção da língua como sistema de valores [...]". Para a existência dos valores, dois fatores são necessários, dado que, segundo Saussure (1975: 134, grifo do autor), eles são sempre constituídos: "1.º por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; 2.º por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa". Sendo assim, tudo também permite perceber que o sentido é criado sintagmaticamente, isto é, o signo – enquanto mera possibilidade de uso – não significa nada, não possui nenhum sentido.

Destaque-se, ainda, consoante Flores e Teixeira (2009: 82), que "o valor é correlativo ao uso da língua e o uso é uma das marcas do sujeito na língua". Notam os autores, nesse sentido, que a teoria saussuriana do valor foi relida por Benveniste a partir da ideia de uso, visto que existe – segundo os autores citados e como já se elucidou na introdução deste trabalho – uma interdependência entre *langue* e *parole*, a qual, em Benveniste, recebe a forma de um princípio, segundo o qual se deve

partir dos fatos da *parole* para atingir o sistema da *langue*. É, portanto, na *langue* que está contido o uso promovido pela *parole*.

A título de esclarecimento, vale destacar, de acordo com Flores (2001: 10), que "as teorias da enunciação estudam as marcas do sujeito no enunciado e não o próprio sujeito". Nesse sentido, a teoria da enunciação supõe um sujeito, mas não faz teoria sobre ele, o que significa dizer que, embora Benveniste considere o sujeito, não teoriza sobre ele. Seu interesse é propriamente o sentido. Além disso, há que se ter clareza, à luz do que também afirma Flores (2001: 56-57, grifo do autor), de um lado, que "a teoria de Benveniste é, sem dúvida, a primeira a questionar a distinção língua/fala" e, de outro lado, que "o objeto da *lingüística da enunciação* é todo o mecanismo lingüístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se autoreferencia no uso".

A seguir, apresentam-se conceitos saussurianos de relações associativas e sintagmáticas, uma vez que este estudo concebe o sentido a partir dos eixos de seleção (paradigmático) e de combinação (sintagmático). Nessa direção, o princípio saussuriano de valor do signo linguístico possui fundamental contribuição, permitindo perceber, inclusive, a impossibilidade de serem feitas trocas lexicais, no discurso, sem que existam alterações de natureza semântica.

Noções de sintagma e de relações sintagmáticas e associativas

Como se pôde verificar na seção anterior, tudo na língua se baseia em relações, inclusive o sentido, sendo de ordem sintagmática; e Saussure, no *CLG* (1975), afirma que, tanto essas relações como as

diferenças entre termos linguísticos, desenvolvem-se em duas esferas distintas:

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo (ver p. 85). Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*⁶. O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: *re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos* etc.). Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos (SAUSSURE, 1975: 142) [grifo do autor].

Pode-se perceber que é no eixo sintagmático, isto é, no eixo do sintagma que os elementos da língua entram em combinação, mediante regras específicas, e que essa noção, embora não muito clara – já que, a começar pela decomposição da palavra *reler* e a terminar com um exemplo de período composto por subordinação, *se fizer bom tempo, sairemos* –, permite compreender que o sintagma passa a existir a partir do nível morfológico. Se se observa o conceito de sintagma em Câmara Jr. (1978: 223, grifo nosso), percebe-se que sintagma é "[...] um *conjunto binário* (duas formas combinadas), em que um elemento DETERMINANTE cria um elo de subordinação (v.) com outro elemento, que é DETERMINADO [...]". Além disso, Câmara Jr. (1978) afirma que, quando a combinação cria uma mera coordenação entre os elementos, tem-se, ao contrário, uma sequência, salientando existirem vários tipos de sintagmas (lexicais, locucionais, suboracionais, oracionais e

⁶ É também do CLG a nota explicativa: "É quase inútil observar que o estudo dos *sintagmas* não se confunde com a *síntaxe* a *síntaxe*, como se verá adiante, p. 156 ss., não é mais que uma parte desse estudo (Org.)".

superoracionais), o que melhor esclarece que o sintagma passa a existir a partir do nível morfológico.

Conforme Lopes (1975: 90, grifo do autor), "[...] o sintagma se constrói com base na *contigüidade* e na *irreversibilidade*: seus elementos estão dotados de uma *distribuição característica, funcional*". Isso significa dizer que, no sintagma, os elementos são colocados um ao lado dos outros numa ordem que é irreversível, na medida em que modificações nessa cadeia combinatória hierárquica revelam implicações semânticas claras. Na frase "*o vizinho morreu de velho*", tem-se (*o vizinho* = SN⁷, sujeito, determinado) e (*morreu de velho* = SV⁸, predicado, determinante). Não seria possível, por exemplo, construir uma frase em língua portuguesa, fazendo a irreversibilidade do artigo no SN, como "*vizinho o morreu de velho*", visto que essa ordem combinatória é vetada pela língua. Nessa direção:

É de se notar a extensão que Saussure confere à noção de sintagma. Diferentemente de seus sucessores na história da linguística, o *sintagma* saussuriano começa com a combinação de dois termos, eventualmente no interior de uma mesma palavra, e se amplia até limites que não são definidos: o etc. que encerra a enumeração dos exemplos é ambígua. Será que ele faz alusão a frases mais complexas que a última citada? Ou, então, dá a entender que as unidades discursivas que ultrapassam os limites da frase também podem ser qualificadas de sintagmas? Não há clareza bastante para a verificação dessa hipótese. Mas também nada de claro que permita rejeitá-la [...] (ARRIVÉ, 2010: 88) [grifo do autor].

Embora não haja muita precisão no conceito saussuriano de sintagma, há que se ter clareza que é essa hierarquia relativa ao sistema da língua o que cria as relações chamadas por Saussure de sintagmáticas,

⁷ Abreviatura também utilizada nas análises para fazer referência ao *sintagma nominal*.

⁸ Abreviatura também utilizada nas análises para fazer referência ao *sintagma verbal*.

as quais, segundo ele, existem *in presentia*, repousando em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Há, no próprio CLG, a objeção sobre o fato de a frase ser o tipo por excelência de sintagma. Nota o mestre genebrino que a liberdade das combinações é própria da fala, mas ressalta o cuidado que é preciso ter no que se refere ao fato de que nem todos os sintagmas são livres. Saussure (1975: 144) constata que "há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação [...]". Desse modo, reitera a ideia de que os sintagmas construídos sobre formas regulares são atribuídos à língua.

Além disso, também se faz interessante observar o que Lopes (1975: 89, grifo do autor) elucida sobre isso, pois, segundo esse linguista, "o discurso sintagmático dispõe-se sobre um *eixo cujo suporte segmental é a extensão linear dos significantes* e cuja propriedade básica é a construir-se através da *combinação de unidades contrastantes* [...]". Esse autor também afirma que referido contraste se dá entre elementos do mesmo nível. Em suas palavras, "[...] fonema contrasta com fonemas, morfema contrasta com morfemas, etc., instaurando *relações distribucionais* [...]" (LOPES, 1975: 89, grifo do autor).

Existem também as relações chamadas de *associativas* na terminologia do CLG (1975), referidas, em geral, como *paradigmáticas* e compreendidas, nas palavras de Arrivé (2010: 88), como as relações que se estabelecem "externamente ao discurso", entre "os termos que oferecem algo em comum". Isso significa que o eixo das associações, também chamado de eixo paradigmático, reflete as relações que existem entre os signos, correspondendo às escolhas dos locutores em função das situações sociodiscursivas em que se encontram e dos limites permitidos pelo próprio sistema (língua). Esse eixo existe, portanto, em estado

latente na consciência ou no inconsciente linguístico de cada usuário da língua. No caso apresentado por Saussure (1975: 145, grifo do autor): "[...] em *enseignement*, *enseigner*, *enseignons* etc. (*ensino*, *ensinar*, *ensinamos*), há um elemento comum a todos os termos, o radical [...]" . O autor verifica, ainda, que o sufixo *-ment*, por exemplo, de *enseignement*, pode-se repetir em outras palavras e afirma que as associações também podem ser apenas de analogias dos significados ou de simples comunidade das imagens acústicas. Note-se que

Nenhuma mensagem tem sentido em si mesma. Os elementos componentes de uma mensagem só têm sentido completo quando os correlacionamos, em nossa memória da língua, com os demais elementos linguísticos com os quais ele forma sistema. Os elementos da língua jamais aparecem isolados, em nossa memória; pelo contrário, eles participam de *classes*, isto é, conjuntos de elementos que "se associam por um traço linguístico permanente, que é o denominador comum" de todos esses elementos. À base desse traço estabelecem-se as diferenças e igualdades entre os elementos e as classes (LOPES, 1975: 90) [grifo do autor].

Com base nisso, compreendem-se ainda melhor os dois mecanismos da língua – de seleção e de combinação – os quais têm, respectivamente, ligação direta com as relações associativas e sintagmáticas: selecionam-se elementos no eixo paradigmático, e os combinam sobre o eixo sintagmático, mediante regras específicas. Por conseguinte, a *comutação*⁹ pode conduzir o linguista, segundo Mounin (1968), a erros provisórios numa língua desconhecida, em virtude dessa

⁹ Na suposta linguagem desconhecida do enunciado "Eis o nosso pai.", por comparação com outros enunciados ("Eis a nossa mãe", "Eis o nosso irmão", etc) o linguista isola as unidades *pai*, *mãe*, *irmão*; e do mesmo modo a unidade *noss-* (*-a*, *-o*) por comparação com mensagens como "Eis o seu pai", "Eis o pai dele", "Em casa do nosso pai", etc. O linguista tem a certeza de que são unidades reais que constroem a mensagem, pois uma vez que se substituem mutuamente, a mensagem obtida conserva sentido na língua; e a contra-prova verifica-o igualmente (em enunciados em que se faz variar o outro fragmento da mensagem, como: "Onde está o meu pai?", "Diz isso ao teu pai", etc.). Esta operação fundamental de análise é a comutação (MOUNIN, 1968: 55, grifo do autor).

organização dos elementos da língua em classes. Esse é o mesmo processo de generalização de regras feito pelas crianças, por exemplo, quando em fase de aquisição da linguagem – processo este natural, graças ao qual é possível perceber, mesmo intuitivamente, a economia linguística existente no interior de um sistema.

A seguir, faz-se um pequeno percurso sobre o modo de arquitetura do sentido no discurso, haja vista que este trabalho visa a mostrar, na análise do *corpus*, a construção sintagmática do sentido e a refletir sobre as implicações decorrentes de trocas de signos linguísticos no discurso.

Considerações sobre a construção do sentido no discurso

Estudar a construção do sentido no discurso tem sido tarefa fundamental em Linguística, até porque, conforme Martinet (1978), por bastante tempo, o ideal de certos linguistas consistiria em encontrar um método de descrição que não fizesse intervir o sentido das unidades significativas. Justificavam, segundo o referido autor, que isso daria maior rigor à linguística, já que se eliminaria um domínio em que a experiência mostra não ser fácil ordenar os fatos. É notório, todavia, que, quando Saussure (CLG, 1975) afirma que o signo une uma imagem acústica (significante) a um conceito (significado), explicitando ainda que na língua tudo se dá por meio de relações, a noção de sentido está implícita. Por isso, as unidades semióticas, inclusive como afirma Benveniste (2006), devem ser caracterizadas pelo duplo ponto de vista da forma e do sentido.

Não é em vão que – como também reconhecem Flores e Teixeira (2009) – Benveniste é o mais saussuriano dos linguistas. Conforme esses

estudiosos, Saussure deu os princípios, os temas e o método, e Benveniste os aplicou em análises que transformaram radicalmente as descrições comparatistas. Nesse sentido, "Benveniste nada criou; tudo o que ele escreveu já estava em Saussure. Nem mesmo a propalada distinção semiótico/semântico pode ser atribuída a Benveniste; ele apenas soube ler bem o mestre" (FLORES; TEIXEIRA, 2009: 77).

Feitos esses esclarecimentos essenciais, tome-se de Benveniste (2006: 222) a asserção de que "[...] o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como um conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores [...]". Daí decorre o fato de que o próprio Benveniste afirma que sem linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem de humanidade, uma vez que significar é próprio da linguagem.

Desse modo, Benveniste (2006) destaca que é somente no uso da língua que um signo tem existência. Por conseguinte, aquilo que não é usado não é signo e fora do uso o signo não existe. Benveniste (2006: 227) ainda assevera que "para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos", cuja concepção, notadamente, retoma e amplia o princípio saussuriano de *valor do signo linguístico*.

Nota, também, Benveniste (2005: 130, grifo do autor) que "o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico". Em razão disso, salienta esse teórico que o fonema só tem valor como discriminador de signos linguísticos, e o traço distintivo, isto é, o merisma, por sua vez, como discriminador dos fonemas.

Além disso, Benveniste (2006) toma a *frase* como a maior unidade de sentido, ou seja, é a partir dela que o discurso se concretiza. Segundo esse autor, a comunicação humana se dá sempre por frases, mesmo que truncadas, embrionárias e incompletas. Com isso, afirma que, enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor. Dessa forma, conforme ressalta o referido linguista, o sentido (semântico) se realiza sintagmaticamente e o semiótico se define por uma relação paradigmática.

Note-se que essa leitura vem ao encontro não só do que Benveniste afirma, em *Problemas de Linguística Geral II* (2006: 231) – quando esclarece o sentido só encontra forma num agenciamento sintagmático – mas também da ideia de se propor uma leitura sintagmática, que sempre leve em conta as relações existentes entre os signos linguísticos e o valor que cada signo adquire no discurso em que está inserido.

Procedimentos metodológicos da análise

Nesta seção, com base nos conceitos e princípios explicitados ao longo da fundamentação teórica, analisam-se os poemas *Os sinos*, de Manuel Bandeira, e *O apanhador de desperdícios*, de Manoel de Barros, a fim de explicitar, de um lado, que o sentido, no discurso, se constrói sobre o eixo sintagmático e, de outro lado, que, depois de ter sido selecionado no eixo paradigmático e combinado sobre o eixo sintagmático – a não ser para fins de análise linguística, por meio da propriedade de *comutação* – um mesmo signo não pode mais ser substituído, na mesma posição numa frase, por outro signo linguístico.

Vale destacar que a pesquisa aqui realizada é bibliográfica de cunho descritivo, complementada por análises qualitativas voltadas ao ensino de língua e de literatura, com ênfase ao ensino de atividades de reescrita textual.

Para tanto, são analisados, essencialmente, no *corpus*: 1º) signos linguísticos fundamentais, cujos significados contribuem na construção semântica global do texto; 2º) o conceito de sintagma em diferentes níveis de descrição linguística, para mostrar como a seleção dos elementos no eixo do paradigma possui uma razão de ser única e insubstituível; 3º) a construção do sentido sobre o eixo sintagmático, fazendo uso da propriedade de *comutação*, por meio de testes de análise, sobre signos e sintagmas, verificando, inclusive, os que são analisáveis e os que são inanalísáveis¹⁰.

Análise do *corpus* e reflexões acerca dos resultados

O primeiro poema a ser examinado, aqui, é *Os sinos*, de Manuel Bandeira, o qual pode ser lido a seguir:

- 1 Sino de Belém
Sino da Paixão...
- Sino de Belém,
Sino da Paixão...
- 5 Sino do Bonfim!...
Sino do Bonfim!...

¹⁰ Termo utilizado em Mounin (1968: 59) para fazer referência aos elementos linguísticos que não podem ser segmentados, por exemplo, frases cristalizadas na língua, como "O vizinho pulou a cerca", cujo contexto está vinculado à traição. Notadamente, essa é uma frase inanalísável, isto é, que não pode ser reduzida a elementos menores.

—
Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

—
Sino da Paixão, pelos que lá vão!
10 Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

—
Sino do Bonfim, por quem chora assim? ...

—
Sino de Belém, que graça ele tem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

—
Sino da Paixão – pela minha mãe!
15 Sino da Paixão – pela minha irmã!

—
Sino do Bonfim, que vai ser de mim?...

—
Sino de Belém, como soa bem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

—
Sino da Paixão... Por meu pai? ... – Não! Não!...
20 Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

—
Sino do Bonfim, baterás por mim?

—
Sino de Belém,
Sino da Paixão...
Sino da Paixão, pelo meu irmão...

—
25 Sino da Paixão,
Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim, ai de mim, por mim!

—
Sino de Belém, que graça ele tem!

Para iniciar a análise desse poema, é importante observar que, na obra de Manuel Bandeira, são bastante comuns temas que relacionam a crença em Deus. Nesse poema, os signos linguísticos "Belém" e "Paixão", por exemplo, sugerem, respectivamente, o nascimento e a morte de Jesus Cristo, cuja sonoridade remete ao soar do sino. Os seis primeiros versos – reiterados ao longo do texto – associam-se, de uma maneira mais geral,

ao soar dos sinos da vida e da morte. A título de exemplificação, observe-se que os versos 7/8 são os que sugerem o nascimento, a vida, e 9/10, os que sugerem a morte.

Para isso, o poeta chega a explorar a semelhança fonética que existe entre os fonemas *b* e *v*, em ("vêm", "bate bem-bem-bem") e ("vão", "bate bão-bão-bão"). O uso da consoante fricativa *v*, nos dois casos, explicita ação. Já o uso da oclusiva *b* sugere, num primeiro plano semântico, o badalar do sino, e, num segundo plano, a partir da combinação com os elementos *-em* e *-ão* no signo, respectivamente, o bem, a chegada de uma nova vida; e a tristeza da partida, o pesar.

Um sintagma que deve ganhar ênfase numa análise que busca examinar o sentido do poema é o que constitui o signo "Bonfim" – que se formou por meio do processo de composição por justaposição – em que foram unidos os signos *Bom* + *fim*. Neste caso, o adjetivo *Bom* ocupa uma posição de determinante e o substantivo *fim*, de elemento determinado. Com a seleção do signo *Bonfim*, é notório que o poeta está aludindo à sua própria morte. Trata-se, portanto, de um soar de esperança, de aspiração a uma boa morte. No entanto, no verso 11, usou-se o verbo *chorar* ao invés de *bater*, como nos outros casos. Claramente, essa seleção lexical no eixo paradigmático não poderia ser substituída por outra, posto que ela foi feita exatamente para explicitar que, quando morrer o poeta, haverá tamanho pesar que o sino chorará. Esse emprego do verbo é figurativizado, portanto, metafórico.

Além disso, pode-se perceber que todos os versos do poema iniciam com o SN, cujo elemento determinado é o signo "Sino", inclusive sendo também o mesmo determinado no título do poema, *Os sinos*. Dessa forma, pode-se afirmar que, se fosse substituído esse signo por

qualquer outro, o sentido de todo o poema seria alterado. Utilizar a propriedade de comutação nesse caso, com fins de análise linguística, para, por exemplo, identificar a classe da palavra não resultaria impossível. No entanto, querer substituir esse signo, para evitar reiterações, seria, indubitavelmente, prejudicar toda a semântica do texto – tarefa, portanto, improdutiva à luz do pensamento saussuriano.

Nessa direção, foi possível perceber que, no poema, não chega a haver signos ou expressões *inanalísáveis* no sentido atribuído ao termo por Mounin (1968), isto é, expressões cristalizadas na língua que não permitem segmentação para fins de análise linguística. Contudo, se se compreendessem os SN "Sinos de Belém", "Sinos da Paixão" e "Sinos do Bonfim", por exemplo, como sendo indecomponíveis do ponto de vista sintático-semântico, poder-se-ia compreendê-los como igualmente *inanalísáveis*, embora não estejam plenamente cristalizados na língua, como o SV na frase "Pedro virou a cabeça.", cujo sentido alude à ação de irritar-se e/ou praticar atos de transgressão.

Embora as informações seguintes sejam exteriores à língua e, portanto, não devam intervir nesta análise, a título apenas de elucidação, vale destacar que, em 1920, Manuel Bandeira ficou sozinho na vida – sem mãe, sem irmã e sem pai. A partir disso, a morte o despertou para lhe fazer companhia. Não é à toa que se pode perceber no poema, por exemplo, desespero diante da brutalidade da morte (verso 19, identificado precisamente na reiteração do signo negativo *Não!*, seguido de exclamações); desalento diante da perspectiva da morte (verso 11); preocupação em esclarecer a dúvida de que ele seria a próxima vítima da morte (verso 21). Todas essas perdas do poeta estão, portanto, linguisticamente marcadas no discurso.

Além disso, ao observar o emprego do signo *graça*, nos versos 12 e 28, é possível perceber que seu valor semântico, nas duas posições, é bastante diferente. No verso 12, ele significa alegria, uma vez que, quando nasce alguém, em geral, fica-se alegre. Já no verso 28, fica claro que *graça* possui valor semântico de ironia, inclusive, pois o locutor (eu lírico) já expressou anteriormente o quão triste estava com a morte dos entes queridos. Os sinos já estão chorando nesse momento. Assim sendo, a subtração do fonema /a/ do significante do signo *ainda* → *inda*, do verso 7 – aférese típica de oralidade –, no poema, possui significativa contribuição para a sua constituição fonológica.

Pela análise desse poema, pode-se perceber não só que o sentido é construído sobre o eixo sintagmático e que significados de signos denotados, nos dicionários, seriam improdutivos para compreender o texto, mas também que, após o signo ser selecionado no eixo paradigmático e combinado sobre o eixo sintagmático, não é mais possível substituí-lo na mesma posição por nenhum outro signo da língua, o que, em realidade não surpreende, visto que, como refere Saussure (1975), uma característica mais exata do signo é ser o que os outros não são. Nesse sentido, toda e qualquer realização da língua no discurso possui uma razão de existir; e, como refere Fiorin (2011), qualquer produção humana dotada de sentido é um signo. Isso permite observar, ademais, que esse poema inteiro pode ser considerado um signo, pois, se analisado sob seus aspectos de forma e de sentido, é possível afirmar que ele possui as duas faces do signo linguístico saussuriano: um *significante* (a materialidade linguística em si) e um *significado* (o soar do sino, num primeiro plano, e os temas *vida* e *morte* num segundo plano).

Na sequência deste estudo, analisa-se o segundo poema, *O apanhador de desperdícios*, de Manoel de Barros. Para tanto, leia-se primeiramente:

- 1 Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
- 5 às que vivem de barriga no chão_
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
- 10 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
- 15 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
- 20 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Diferentemente do poema *Os sinos*, de Manuel Bandeira, que foi escrito em versos, esse poema de Manoel de Barros foi escrito em prosa. Cumpre mencionar, nessa direção, que Lyra (1986), ao diferenciar poema de poesia, afirma que o poema é o texto escrito, mas não exclusivamente em verso e, no livro *Memórias inventadas: a infância*, Manoel de Barros opta, pela primeira vez, quase totalmente pela prosa para falar de sua infância – evidentemente a reinventando. Seus textos explicitam um tempo, por exemplo, em que as crianças construía seus próprios brinquedos, e em que o ser humano também valorizava e mantinha um maior contato com a natureza.

Esses aspectos são, portanto, percebidos no texto não só pelas escolhas lexicais feitas, como pelas próprias combinações e relações existentes sobre o eixo sintagmático. Há que se destacar, em princípio, algumas escolhas lexicais e alguns sintagmas que merecem ênfase neste estudo. Observem-se: *compor meus silêncios* (SV, linha 1); *vivem de barriga no chão* (SV, linha 5); *tipo água pedra sapo* (coordenação de signos, linha 6); *sotaque das águas* (SN, linha 7); *desimportantes* (linha 8); *aparelhado* (linha 14); *apanhador de desperdícios* (SN, linha 18); *invencionática* (linha 24).

Em relação ao SV da linha 1, há que se pontuar que foi a escolha pelo signo *compor* a responsável pela construção incomum à língua, haja vista que, em geral, a palavra não é usada para compor o silêncio. Trata-se, pois, de uma construção metafórica. Igualmente ocorre com o SV da linha 5, em que o verbo *viver* também foi empregado em sentido figurado, pois *palavras que vivem de barriga no chão*, em sentido denotativo, dicionarizado, resultaria incoerente. Quer-se dizer que são, as palavras de *barriga no chão*, aquelas palavras de uso pouco corrente no cotidiano.

Na linha 6, não se tem sintagma, mas coordenação, sequência de elementos. Não obstante, por se tratar de um poema, gênero discursivo cujo estilo de linguagem permite infrações à norma padrão da língua, pode-se perceber a ausência de vírgulas – cuja combinação sobre o eixo sintagmático permitiu dar mais agilidade ao discurso. Na linha 7, também foi empregado o signo *sotaque* em sentido figurado, para, mais uma vez, melhor representar a realidade imaginada pelo poeta. Parafraseando essa realidade, poder-se-ia dizer que se está fazendo

referência aos diversos sons de água na natureza, como de uma cachoeira, de um riacho, de uma goteira, etc.

Tanto o signo da linha 8 (desimportantes) como o da linha 14 (aparelhado), nessa mesma direção, explicitam essa preferência que o poeta tem pelas palavras pouco usuais. Ambos os signos, para muitos usuários da língua portuguesa, soam de forma esquisita, exatamente porque são palavras que beiram o desuso.

Claramente, no SN da linha 18, também título do poema, pode-se perceber a presença de sentido figurado, em virtude principalmente do signo *apanhador*, elemento determinado, cujo determinante *de desperdícios* – ao estabelecer o elo de subordinação – constrói uma combinação sintagmática incomum à linguagem cotidiana. Semanticamente, esse sintagma expressa o quanto o poeta valoriza aquilo que, para a maioria das pessoas, não possui nenhuma importância – como o barulho da água, as palavras pouco comuns, os insetos, os pássaros, etc.

Vale também destacar que o signo *invencionática* é um neologismo criado no discurso para melhor expressar essa preferência do poeta pela invenção, por um mundo ausente à tecnologia, à informática. Observe-se que essa sua criatividade é explicitada inclusive linguisticamente: não bastassem todas as belas e precisas seleções lexicais e combinações sintagmáticas feitas, cria-se um signo linguístico, por meio do processo de composição por aglutinação, em que são unidos os signos *invenção* + *informática* → *invencionática*. Esse processo combinatório mostra que nenhum outro signo poderia ocupar a posição sintagmática do signo *invencionática*. Não há, pois, nenhum outro signo linguístico, na língua portuguesa, capaz de substituí-lo.

Volta-se, portanto, a reiterar a ideia de que, após o signo ser selecionado e combinado, ele não pode mais ceder lugar a nenhum outro signo da língua, visto que ele possui razão de existir na posição sintagmática que ocupa. Desse modo, a reescrita de um texto pode apresentar como consequências diretas: (1) alterações de natureza semântica e (2) descaracterização de estilo e, portanto, de autoria.

Não há dúvidas de que, em situações escolares, por exemplo, a reescrita textual é tarefa crucial que deve ser realizada permanentemente. No entanto, podem ser improdutivas e até incoerentes atividades que conduzem o aluno a substituir palavras em um dado texto, sem que, com isso, altere-se a tessitura semântica – como frequentemente se propõe em concursos vestibulares e em outras provas de seleção de pessoas no Brasil.

Considerações finais

Como se pôde verificar ao longo deste trabalho, princípios e conceitos saussurianos são ainda essenciais na contemporaneidade, não só quando se busca compreender a evolução e os fundamentos da ciência da linguagem, mas também quando se buscam examinar práticas linguísticas básicas, envolvendo leitura e escrita. Com isso, ganharam especial destaque neste trabalho os conceitos de *signo linguístico*, de *valor linguístico*, de *sintagma* e de *relações sintagmáticas e associativas*, exatamente por terem sido utilizados como referenciais de análise do *corpus* de pesquisa neste estudo.

Linguistas como Émile Benveniste, André Martinet, Michel Arrivé e José Luiz Fiorin foram consultados, a fim de que melhor se explicitassem algumas questões notadamente imprecisas e/ou não explicitamente apresentadas no *CLG* (1975), uma vez que se buscou mostrar – a partir da análise dos poemas *Os sinos* e *O apanhador de desperdícios* – que o sentido, no discurso, constrói-se no eixo sintagmático e que, após um signo ser selecionado no eixo paradigmático e transportado para o eixo sintagmático, qualquer modificação altera o sentido, mesmo que de forma menos intensa – diferenciando apenas traços estilísticos.

Nessa direção, este estudo também permitiu perceber que, sobretudo os dois mecanismos da língua, de seleção e de combinação – além de oferecerem contribuições para o ensino de produção e reescrita de textos – podem também fundamentar o ensino de leitura, apontando a necessidade de os estudos linguísticos e literários realizarem-se interdisciplinarmente.

Referências

- ARRIVÉ, Michel. 2010. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial.
- BANDEIRA, Manuel. 1970. *Poesia*. Rio: Livraria Agir Editora, p. 28-30.
- BARROS, Manoel de. 2003. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta.
- BENVENISTE, Émile. 2005. Os níveis da análise linguística. In: _____. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas, SP: Pontes. Cap. 10, p. 127-140.
- _____. 2006. A forma e o sentido na linguagem. In: *Problemas de lingüística geral II*. _____. Tradução Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes cap. 15, p. 220-242.

CÂMARA JR., J. Mattoso. 1978. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes.

FIORIN, José Luiz. 2011. Teoria dos signos. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística I*. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, p. 55-74.

_____. 2012. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth;

FLORES, Valdir do Nascimento. 2001. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 4, p.7-67, dez.

_____; TEIXEIRA, Marlene. 2009. Saussure, Benveniste e a teoria do valor: do valor e do homem na língua. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1., p. 73-84, jan./jun.

LOPES, Edward. 1975. *Fundamentos de linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix.

LYRA, Pedro. 1986. *Conceito de poesia*. Série Princípios. São Paulo: Ática.

MARTINET, André. 1978. *Elementos de linguística geral*. Tradução adaptada para leitores de língua portuguesa por Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Pontes.

MOUNIN, Georges. 1968. *Introdução à linguística*. São Paulo: Martins Fontes.

SAUSSURE, Ferdinand de. 1975. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. BOUQUET, Simon e ENGLER, Rudolf (Orgs.) e WEILL, Antoinette (Col.). Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002. 296p.